

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais

Clara de Carvalho Vazelesk Ribeiro

VISTA DESDE A SERRA:

experiências em território e percepção da paisagem em artes visuais

Rio de Janeiro
2024



Clara de Carvalho Vazelesk Ribeiro

VISTA DESDE A SERRA:

experiências em território e percepção da paisagem em artes visuais

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador Professor Dr. Alexandre Guimarães

Rio de Janeiro
2024

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

R484 Ribeiro, Clara de Carvalho Vazelesk

Vista desde a serra : experiências em território e percepção da paisagem em artes visuais / Clara de Carvalho Vazelesk Ribeiro. – Rio de Janeiro, 2024.

24 f.

Artigo Científico apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Alexandre Henrique Monteiro Guimarães.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. 2. Território - Geografia. 3. Paisagem na arte. I. Guimarães, Alexandre Henrique Monteiro. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 707

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB-7: 5692.

Clara de Carvalho Vazelesk Ribeiro

VISTA DESDE A SERRA:
experiências em território e percepção da paisagem em artes visuais

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Aprovado em: 13/03/2024.

Banca Examinadora:

Alexandre Henrique Monteiro Guimarães (Orientador)
Colégio Pedro II

Maria Lia Gautério Conde Pinto
Colégio Pedro II

Alexandre Palma
UFRJ

Rio de Janeiro
2024

VISTA DESDE A SERRA:

experiências em território e percepção da paisagem em artes visuais

Clara de Carvalho Vazelesk Ribeiro

Resumo: Este artigo faz parte de uma pesquisa em a/r/tografia. Utilizando de práticas com diversas linguagens visuais, exploramos o olhar dos participantes, uma turma do 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública, localizada na Serra das Araras (Município de Pirai - RJ). A partir das percepções deste grupo de estudantes, o presente Trabalho de Conclusão de Curso da especialização Saberes e Fazeres no ensino de Artes Visuais do Colégio Pedro II é nutrido por reflexões acerca das vivências pedagógicas propostas e oferecidas no ano letivo de 2023. Valorizando percursos e temáticas voltadas para o meio ambiente, relações inéditas de pertencimento junto aos arredores da região escolar em causa foram oportunizadas. A categoria de território e o conceito de paisagem, em diálogo fértil com a Geografia Cultural, também possuem papel relevante neste estudo, em especial no desfazimento da divisão entre ser humano e natureza, que buscamos explorar.

Palavras-chave: ensino de Artes Visuais; território; paisagem.

VIEW AT THE HILLS:

experiences in territory and landscape perception in visual arts

Abstract: This article is part of a research project on a/r/tography. Using practices with different visual languages, we explored the gaze of the participants, a 9th grade class from a public school located in Serra das Araras (Pirai - RJ). Based on the perceptions of this group of students, this Course Conclusion Paper for the specialization “Saberes e Fazeres no ensino de Artes Visuais” at Colégio Pedro II is nourished by reflections on the pedagogical experiences proposed in the 2023 school year. Valuing paths and themes focused on the environment, unprecedented relationships of belonging were created in the surroundings of the school region in question. The category of territory and the concept of landscape, in a fertile dialog with Cultural Geography, also play an important role in this study, especially in breaking down the division between human beings and nature, which we sought to explore.

Keywords: teaching of Visual Arts; territory; landscape.

1 Pontos de partidas

“(...) a paisagem parece traduzir para nós uma relação estreita e privilegiada com o mundo...” – Anne Cauquelin (2007, p.28)

Figura 1 - Serra das Araras, pintura em acrílica sobre madeira



Fonte própria, trabalho da autora, 2023.

Uma elevação, um morro coberto apenas por capim se contrasta com uma grande ferida central, terra aberta em erosão. Acima, terras abandonadas ao vento, à água, ao Sol, que desgastam e criam uma superfície limitada em possibilidades. No primeiro plano, as plantas sustentam a outra parte do cenário - numa outra área de cor, demonstram movimento, vida ou variações - um campo em que se poderia adentrar.

A visão se origina do percurso percorrido pelos residentes da Serra das Araras, estudantes da escola no bairro Caiçara, no município de Piraí, e quaisquer outros rodoviários que passem pela via Presidente Dutra. A observação traz questionamentos e reflexões, além da apreciação da dimensão em perspectiva e formas criadas por tantos tempos e relações. Estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental e o último ano escolar da instituição, majoritariamente estudaram e viveram lá toda sua vida, e prestes a partir - para outra escola, bairro ou cidade foram os escolhidos para participar deste percurso.

Considerando a situação de margem - entre a ampla ou exuberante natureza e as curvas da rodovia - os encontros relatados neste artigo buscaram trazer aos alunos experiências artísticas que desenvolvessem as ideias e expectativas em relação a este território, nos aproximando do ambiente ao redor, repensando as visões do cotidiano que passam despercebidas e testando pequenas intervenções ou modos de ocupar o espaço. Refletir sobre a

história local, ter um olhar crítico, explorar diferentes linguagens visuais em conexão com categorias de pensamento da Geografia Cultural¹ também foram objetivos almejados.

Deste modo, o artigo também se coloca mais abertamente a um campo de análise sensível às desfronteiras entre arte, geografia, e outras fontes de saber, envolvendo *natureza, território, lugar, espaço, paisagem*, no entendimento de que tal abertura pode provocar discussões relevantes na área do Ensino da Arte. No texto “A (re)significação da paisagem no período contemporâneo” (LUCHIARI, EdUERJ, 2001), por exemplo, devemos atentar de que “[...] a compreensão da paisagem hoje, está diretamente relacionada à preocupação ecológica com o ambiente” (LUCHIARI, 2001, p.17), pensamento que também converge e nos remete às reflexões e ideias de Bruno Latour, muitas delas expostas em “Diante de Gaia – oito conferências sobre a natureza no antropoceno”, onde percebe-se um interesse pelas “virtudes cognitivas, emocionais e estéticas” (LATOURE, 2020, p.224) quando tratando do tema.

(...) o antigo papel da ‘natureza’ se encontra completamente redefinido. O Antropoceno direciona nossa atenção para muito mais do que uma reconciliação entre natureza e sociedade em um sistema maior que seria unificado por uma ou por outra. (LATOURE, 2020, p.194)

Tendo em vista a vasta destruição que nosso modelo de produção proporciona, mesmo que atingindo a todos de formas desiguais, buscar meios de conexão com o ambiente ao redor e sensibilizar-se para as questões ambientais, compreendendo-se parte da natureza, é de extrema necessidade. Neste sentido, o presente trabalho também se preocupa com a “*humanidade que pensamos ser*”, orientando-se e permitindo-se afetar pelas sábias palavras de Ailton Krenak, pensador contemporâneo, escritor e ativista da etnia krenak, que diz: “[...] a compreensão de que estamos vivendo uma era que pode ser identificada como Antropoceno deveria soar um alarme nas nossas cabeças.” (KRENAK, 2020).

2 Para encontrar lugares

“[...] A percepção é uma atividade, um estender-se para o mundo.”
Yu-Fu Tuan (1980, p.28)

Iniciamos com o conceito de território emprestado do campo da Geografia para pensar espaços. Como afirma o geógrafo brasileiro Milton Santos, mundialmente reconhecido por pensar as desigualdades nos territórios no contexto da globalização: “*O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem.*” (SANTOS, 2012). Aqui, a ideia é precisamente estimular a reflexão acerca desses usos, além de outros olhares possíveis, que possam inspirar, de alguma forma, interesses pedagógicos convergentes ou iniciativas aproximadas no exercício de envolver a *natureza* na agenda e no terreno educacional em arte.

Outro autor do mesmo campo nos traz a “topofilia”(YU-FU TUAN, 1980). O autor nos informa diversos tipos de conexão entre ser humano e ambiente, nas tradições europeias,

¹O campo da Geografia Cultural busca compreender como simbolicamente se produzem compreensões distintas de vida a partir das diferentes paisagens, a partir da interação entre humanos e natureza, utilizando de conceitos como território, espaço, territorialidade, lugar.

chinesas, estadunidenses, através da poesia e pintura. Segundo o geógrafo-cultural sino-americano nos apresenta, “Topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” (YU-FU TUAN, 1980, p.107). Assim, a apreciação estética ocorre tanto repentinamente, de forma mais ou menos arrebatadora, mas persistentemente, este apreço ao lugar ocorre quando este se torna símbolo, através de conexões afetivas, vivências significativas. Estas, tanto positivas quanto negativas, geralmente rodeiam o grau de afastamento ou controle do ser humano, que tem em mente ideias de uma natureza ameaçadora, sombria ou selvagem, que pode ser um jardim ou campo, produtivo e receptivo, ou ainda um local de acolhimento, idealizado enquanto representante de virtudes que não estão presentes nas aglomerações e construções humanas.

Em sentido semelhante, utilizamos o conceito de paisagem, o entendimento de sua invenção enquanto gênero e modo de nos entendermos no mundo (CAUQUELIN, 2007). Paisagem então seria esta imagem que nos transporta além dos limites do humano: “ Trata-se simplesmente de uma questão de definir, de delimitar um fragmento com valência de totalidade, sabendo que só o fragmento dará conta do que é implicitamente visado: a natureza em seu conjunto.” (CAUQUELIN, 2007, p. 138). Toda a natureza, este conjunto do que sempre esteve lá, que nos precede.

Estas divisões, entre paisagem e sujeito impedem a percepção do todo e estabelecem uma hierarquia nas relações entre ambos. Nas proposições aqui apresentadas, considerar tanto dos aspectos sociais e naturais (ou construídos) é um sentido importante. Nas culturas-natureza, nas quais não há este tipo de hierarquização, se vislumbra o mundo de modo mais semelhante a um fluxo, com os outros seres tão pertencentes e participantes quanto nós (LATOURET, 1994). Ailton Krenak aborda os efeitos da distinção entre essas formas de compreensão do mundo de forma inequívoca:

o impacto que nós humanos causamos neste organismo vivo que é a Terra que em algumas culturas continua sendo reconhecida como nossa mãe [...] não só na dimensão da subsistência e na manutenção das nossas vidas, mas também na dimensão transcendente, que dá sentido à nossa existência. (KRENAK, 2019, p. 22)

Para trabalhar essas questões com os alunos, nas aulas de artes visuais, foram selecionados alguns pontos de interesse possíveis a serem explorados no território, desde ruínas abandonadas próximas à rodovia, o lago Caiçara, o Monumento rodoviário, o pátio da escola e a praça em frente a esta. Assim como os artistas que nos guiaram no que seria o percurso final: Anna Bella Geiger, Ana Bia Silva, Félix-Émile Taunay, Raul Leal, Denilson Baniwa e Gustavo Caboco. Todos buscam relações entre território, pertencimento, formas de ver o mundo e relações de poder que envolvem os modos de vida na Terra. Tendo em mente que cada experiência seria única, irreplicável e buscando abarcar as compreensões diferentes dos participantes, o “saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna.” (BONDÍA, 2002, p.27). Buscamos ter estas singularidades respeitadas e assimiladas na condução das proposições deste trabalho.

3 Uma jornada A/r/tográfica

“(...) viver a vida de um artista que também é pesquisador e professor é viver uma vida consciente.” – Rita Irwin

Figura 2 – Preparo Pintura em acrílica sobre papel de embrulho e papelão

Figura 3 - Lindinha & Foice Intervenção (Lambe-lambe)



Fonte própria, 2023. Fonte própria, 2023.

A a/r/tografia foi a metodologia utilizada no trabalho pedagógico realizado. Desenvolvida por Rita Irwin entre outros artistas/pesquisadores/professores, o método busca convergências entre os múltiplos sentidos e direções desses três caminhos que envolvem o A de Artist, o R de Researcher, o T de Teacher e Graph de grafia. Na presente pesquisa, estão envolvidas reflexões enquanto pesquisadora, docente e artista. Acima, encontramos exemplos de duas proposições que reverberaram nas práticas e reflexões aqui relatadas. Em “Preparo” estão condensadas relações com o material, o cotidiano, a pintura em si e, principalmente a interdependência de seres e lugares: tradicional embrulho rosado de certas lojas, as plantas que secam e seus diversos usos.

Enquanto a proposição do lambe-lambe, realizada em 2023 na disciplina Sensibilidades Críticas, do curso Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, a “morte ao latifúndio” com a amada personagem de desenhos animados. Para além do caráter passageiro da técnica, a ação irrompe a interação com território além dos vários deslocamentos presentes entre imagem, escrita e o local da ação em si.

Os processos de construção de pensamento e das produções visuais não são exatos. Os ‘achados’ entre fazer, as conversas e questionamentos durante e após a produção podem descobrir sentidos que não estavam previstos, afinal “explorar ideias, questões e temas artisticamente origina maneiras de produzir significado, pessoal e coletivamente” (DIAS; IRWIN, 2023, p. 27).

No percurso sugerido, proposto para uma turma de 9º ano constituída de 15 alunos no âmbito da realidade a/r/tografada, foram planejados sete encontros no tempo de nossas aulas semanais, no fim do primeiro semestre de 2023. No primeiro encontro dessas formulações/situações pedagógicas, houve abertura para uma conversa inicial a partir das imagens produzidas pelos estudantes. Em seguida, oportunizou-se trabalhar com interpretações do espaço a partir de métodos cartográficos utilizados pelas artistas Anna Bella Geiger e Ana Bia Silva. Posteriormente, saindo da sala de aula e buscando-se percepções renovadas ao ar livre, teríamos uma experiência na praça em frente à escola, observando e pintando no local, a partir dos trabalhos de Félix-Émile Taunay e Raul Leal. Faríamos ainda lambes a partir dos trabalhos de Denilson Baniwa com nosso percurso culminando na visita ao Monumento Rodoviário, ponto próximo à escola na Rodovia Presidente Dutra, promovendo uma intervenção também

baseada nos trabalhos do artista vencedor do Prêmio Pipa de 2019. No último encontro previsto, conversamos sobre as experiências anteriores e pensaríamos novas formas de imaginar os espaços percorridos. Nesta longa caminhada, a importância de se buscar perceber melhor também a relação entre o mundo contemporâneo e a paisagem:

[...] A concepção de meio ambiente é uma ideologia constituinte da organização socioespacial contemporânea. (...) A expressão positiva das paisagens contemporâneas nos remete a natureza domesticada. Mesmo quando conservadas ‘selvagens’, são controladas, monitoradas, relacionadas à complexidade de um mundo que não tem mais qualquer relação com as paisagens regionais do início do século. Por isso, a paisagem contemporânea é uma concepção híbrida... (LUCHIARI, p. 21. 2001).

4 Caminho Comum

4.1 Reconhecer a vista

Nosso percurso começa em imagens produzidas em uma rota extremamente corriqueira: a travessia entre casa e escola. A cada estudante foi pedido que tirasse uma foto ou fizesse um desenho de algo que os chamasse atenção. Um momento de seleção e suspensão da rotina, para compreender melhor de onde partem internamente os habitantes do lugar.

Nas imagens levadas encontramos contraste de cores, corpos celestes, plantas, tons lilases inesperados, casas, a fábrica de cerveja e seu gigantismo, a foto não tirada dos vestígios de um acidente de caminhão, pessoas que “moravam debaixo da ponte” e roubo de flores na casa da avó. Uma aluna que passou a viver no Caiçara neste ano, mostra as fotos e diz “*Acho [aqui] bonito, não é só mato*”.

Figura 4 - Caminho na Serra. Produção de estudante: apreciação do trajeto cotidiano, formando imagens no que é tão constante que se torna invisível ou amorfo



Fonte própria – acervo da autora, 2023

Durante a conversa, houve menção a histórias da Serra, na forma incerta das histórias contadas e recontadas oralmente - a tromba d'água de 1967, o som de pessoas mortas no resgate da enchente, correntes de escravizados, assombrações na serra e no monumento, à noite. A tromba d'água, mencionada por alguns alunos, foi um evento climático catastrófico, ocorrido em meados de janeiro de 1967. É muito provavelmente a calamidade de origem natural com maior número de mortos na história recente do Brasil, as estimativas variam entre 1000 e 1700 mortos, entre moradores dos bairros Caiçara, Serra, Cacaria e cidades vizinhas.

Ao fim desses relatos, fizemos uma rápida pesquisa via Instagram, procurando por fotos da Serra. Encontramos influencers exibindo seus corpos nas ruínas próximas a escola, ciclistas e caminhoneiros registrando seus percursos - ou acidentes - um vídeo feito com drone em que era possível ver boa parte da Serra. Na percepção dos alunos, a atitude dos visitantes parecia ridícula pela admiração a algo que lhes é tão comum. O encanto manifestado nas postagens é identificado pelos alunos como afetação: “Ai, estou no mato!! Meu Deus!!”, “O açude!!!” foram algumas das frases “ditas” pelos turistas na voz e interpretação dos estudantes. Ainda assim, esse primeiro estranhamento fez-se alteridade: também chegou-se à conclusão de que, caso estivessem no Rio de Janeiro ou em uma cidade grande, provavelmente teriam um assombro semelhante.

Fundamentalmente a diferença nas representações entre turistas e moradores, para a maioria dos alunos, se resume em uma das falas: “se morassem aqui, não achariam isso tudo”. Em Topofilia, Yu-Fu Tuan, identifica a atitude do turista como mais próxima da construção de uma imagem pessoal do que a vivência do local em si (YU-FU TUAN, 1980). No caso desses estudantes, enquanto moradores, há oscilação entre as memórias afetivas e a compreensão utilitarista, expressa inclusive na fala de quem aprecia esteticamente o cenário.

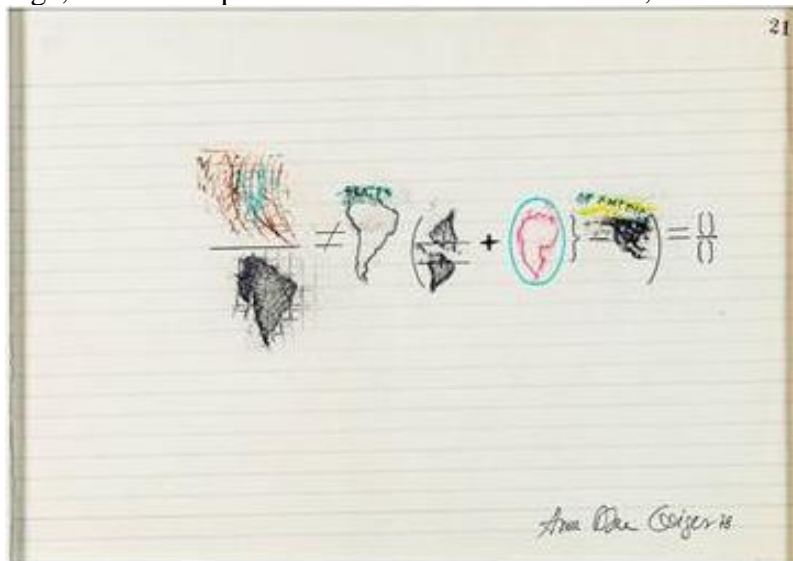
Por fim, a pintura que inicia o texto (e nossa primeira ação) foi apresentada - também a imagem produzida a partir deste movimento de ir e vir. Houve bastante interesse e após algum tempo foi reconhecido o ponto específico representado. Esta última imagem do nosso encontro buscou unir algumas daquelas percepções e abrir caminho para outros entendimentos acerca do território habitado.

Reconhecer os próprios modos de ver o entorno e ter este diálogo com a pintura e as imagens dos visitantes foi o primeiro modo de dar forma a esta investigação. Neste exercício buscamos de fato construir a paisagem - esta criada por uma tradição e identificada com certos valores (CAUQUELIN, 2007). Observar o território, seja a natureza e as concepções tradicionais (o belo, o idílico, o selvagem e o ameaçador, com a possibilidade de intempéries e eventos naturais catastróficos). Trazer, reavivar memória afetiva para que se possa apreciar, pensar, vivenciar de outros modos.

4.2 Traduzir o espaço

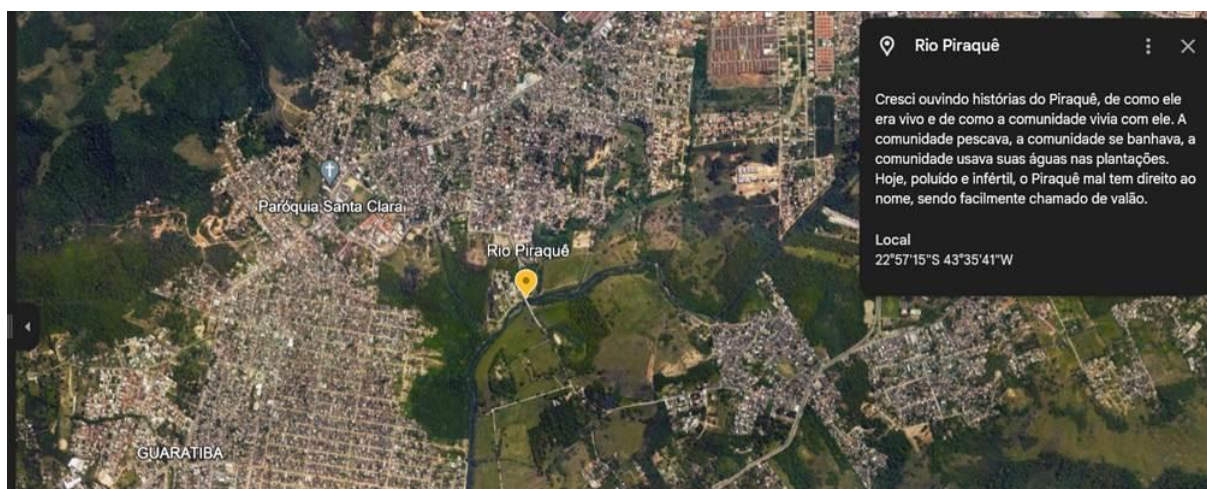
No encontro seguinte, buscando entender melhor a configuração do território, os mapas seriam nossos pontos de partida e alguns trabalhos de Anna Bella Geiger e Ana Bia Silva seriam usados para referência e reflexão. Ambas as artistas estabelecem conexões entre imagens cartográficas, seus processos e relações a partir destes. Foram utilizadas “Equações Variáveis” (1978), de Anna Bella Geiger, onde temos diversos códigos em jogo: as linhas de uma folha de caderno, a frotagem dos “relevos” de mapas políticos, os símbolos matemáticos. e a obra “É preciso escoar”(2020), Ana Bia Silva conduz a construção de um mapa colaborativo - utilizando via Google Earth relatos sobre experiências vividas em diversos rios, suas transformações e problemáticas.

Figura 5 - Equações Variáveis. Trabalho de Anna Bella Geiger, Equações Variáveis, Frottage, Grafite e lápis de cor sobre folha de caderno, 23 x 33 cm, 1978



Fonte: <https://murilocastro.com.br/anna-bella-geiger/>, acessado em 20/05/2023

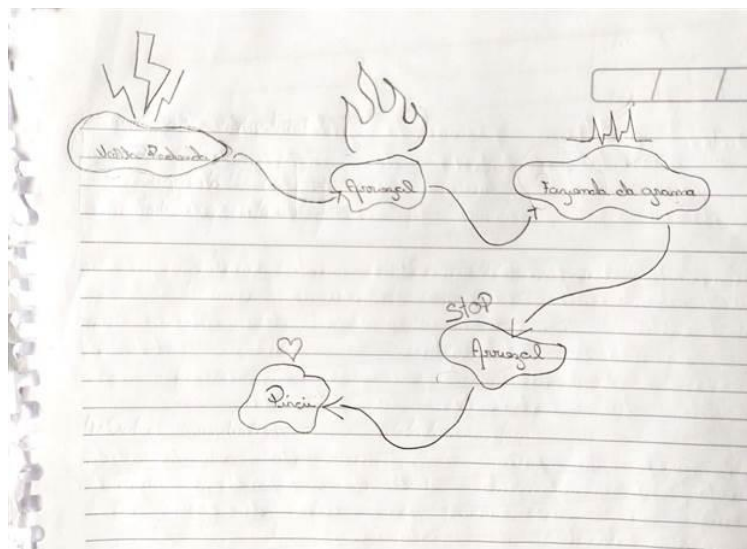
Figura 6 - É preciso escoar. Trabalho de Ana Bia Silva, 2020. Imagem do mapa colaborativo feito no Google docs



Fonte: <https://www.anabiasilva.com/%C3%A9-preciso-escoar> , acessado em 20/05/2023

Após observarmos mapas da nossa localidade, os trabalhos foram exibidos aos alunos em slides, e foram discutidas as possíveis interpretações e entendimentos desses. A proposta prática neste dia envolvia utilizar as formas dos mapas impressos da cidade, do estado, do país, da estrada à qual margeamos e mesmo o brasão da cidade, aliados às ideias dos alunos após a conversa. Eles realizariam suas criações em folhas de papel de caderno, sobrepondo o contorno das impressões, buscando relacionar as linhas dos mapas, locais significativos, relações entre os lugares que se sentissem pertencentes, e seus significados ou outras possibilidades que a conversa e os trabalhos lhes remetessem. Alguns alunos ficariam responsáveis por coletar as histórias mencionadas na aula anterior com os colegas e colocá-las em nosso próprio mapa no Google Earth, como em “É preciso escoar”.

Figura 7 - Mapa Afetivo. Produção de estudante.



Fonte própria: acervo da autora, 2023.

A atividade foi encarada com bastante dúvida: sobre como relacionar mapas entre si e mesmo na compreensão dos mapas, seus fragmentos ou símbolos. Não foram compreendidos com facilidade as representações da cidade e para alguns alunos mesmo o mapa do Brasil não era tão familiar. Ainda assim, alguns percursos e comparações foram produzidas.

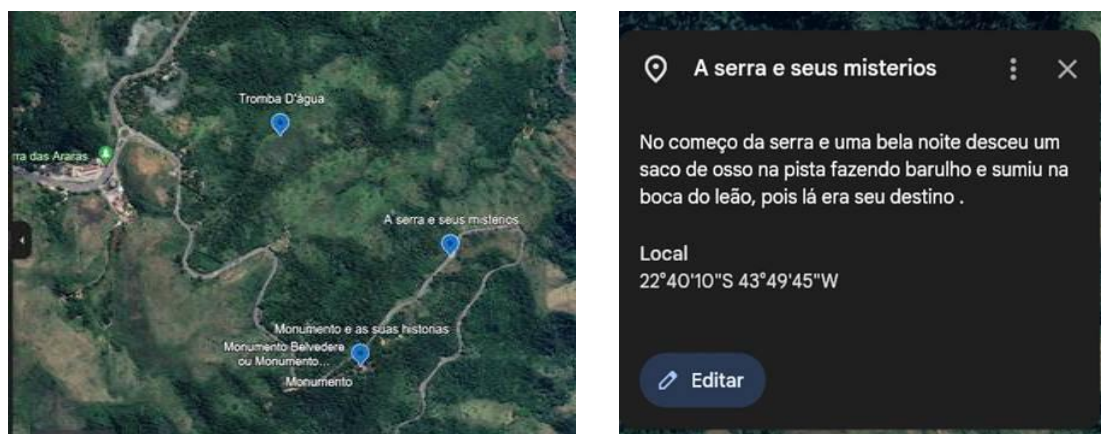
Uma estudante elaborou um mapa afetivo das mudanças de casa que havia vivido nos últimos anos, até chegar na casa atual. Cada parada contém elementos correspondentes ao que foi vivido e ficou marcado na relação com estes lugares.

Outro exemplo retorna à questão previamente mencionada sobre as vivências e expectativas de moradores e visitantes da cidade. Na imagem temos a localização e comparação de territórios vividos com um breve comentário. Para as autoras, na perspectiva dos moradores, o município é “Um lugar muito pequeno para muita pessoa” enquanto isso, para os turistas, Piraí é “Um lugar legal, cultural e chique”. Os “buracos” do município, na fala das alunas, são invisíveis para quem é de fora - e, afinal, tem toda a relação com as grandes terras delimitadas ao redor. Experiências absolutamente contrastantes de pertencimentos distintos.

Outros alunos também comentaram através dos trabalhos sobre mudanças de cidade, linhas de trajetos cotidianos e elementos que representassem suas formas de pertencimento àqueles lugares. Em um caso, a constatação de que fora da escola haveria “sossego” e dentro, basicamente só puderam se lembrar e nomear as funções das salas.

A construção do mapa coletivo em ferramenta digital, partindo das histórias e fotos teve diversos contratempos. Os alunos se interessaram muito pelas imagens de satélite, mas havia pouca familiaridade com a ferramenta - e pouco tempo disponível para as duas propostas. Alguns pontos destacados foram feitos nessa aula e em curtos momentos em aulas posteriores. Além disso, o envio das fotos foi limitado a envios via Instagram e não foi incluída no mapa. Conseguimos apenas inserir alguns pontos, como uma das histórias contadas por moradores mais antigos.

Figura 8 - Mapa coletivo. Captura de tela, produção de estudante.



Fonte própria: acervo da autora, 2023.

A relação com as imagens cartográficas, no tempo disponível para ação, envolvia muitos códigos que não eram dominados plenamente pelos alunos, restringindo o processo. Ainda assim, neste encontro foi possível observar um pouco da impossível separação entre sujeito e paisagem, a vida que se desenrola independentemente de planejamentos na natureza e o que não pode ser exatamente definido como um ou outro (LATOURE, 1994). Esta ambiguidade entre humano e natureza pode ser vista na própria existência da rodovia, inseparável de tudo de natural que a circunda e o mapa via satélite - tecnologia que nos dá novos acessos ao que experimentamos de natural. Tudo que registramos nos revela que uma ação humana estaria intrinsecamente conectada a tudo que fosse além de seu “domínio” técnico. Dessa forma, podemos nos atentar para as vantagens de se adotar um olhar ativado por uma pedagogia simétrica, envolvendo o binômio *naturezas-culturas* (LATOURE, p. 102. 1994).

[...] a própria noção de cultura é um artefato criado por nosso afastamento da natureza. Ora, não existem nem culturas – diferentes ou universais – nem uma natureza universal. Existem apenas naturezas-culturas, as quais consistem a única base possível para comparações. (LATOURE, p. 102. 1994).

4.3 Matéria e contemplação

Figura 9 - Vista de um Mato virgem que se está reduzindo a carvão, Félix-Émile Taunay (1843)

Figura 10 - Caminhão e Pasto na Serra



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:F%C3%A9lix_Taunay_-_1830_ca._-_Mata_Reduzida_a_Carv%C3%A3o.jpg, acessado em 13/01/2024.

Fonte própria. Acervo da autora, 2022.

Para o encontro seguinte, sairíamos da escola para uma proposição mais direta com nosso entorno, teríamos nossa atividade na praça em frente a escola - local essencialmente de passagem de moradores e eventual estacionamento. Ainda em sala, conversamos sobre “Vista de um mato virgem que se está reduzindo a carvão” pintura de 1843 de Félix Émile Taunay. Após observação em slides os alunos puderam perceber a proporção contrastante entre as pessoas e as árvores em primeiro plano, compreender melhor o que estava sendo descrito e comparar a imagem da pintura com a própria paisagem da Serra. Pudemos perceber uma continuidade entre os sentidos da pintura e da foto, com quase 200 anos de distância. Os princípios que regem as ações registradas nas duas imagens são bem similares. A persistência dos processos de dominação e destruição da terra, dos seres vivos e dos modos de vida que não se enquadram no destino monocultural imposto desde a colonização: “Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra, uma certa verdade, ou uma concepção de verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história.” (Krenak, 2019, p. 8). A ganância destrutiva já podia causar espanto em certos setores da sociedade no século XIX. As preocupações e consequências do modo de vida exploratório apenas se acumularam.

Comparamos esse modo de leitura da paisagem da pintura acadêmica com o trabalho de Raul Leal. Em nosso próprio tempo ele nos mostra um olhar muito particular da paisagem fluminense, desvelando os detalhes e formas de vida que as monoculturas não (se) permitem ver. Com o uso de materiais como pirografia em madeira, cinzas, e café em suas produções, encontramos a vida que é usurpada e esquecida pela destruição.

Figura 11 - Pigmento de café sobre papel. Pintura feita pelo artista Raul Leal.
 Figura 12 – Borboleta. Pintura feita pelo artista Raul Leal, com pigmento obtido a partir de cinzas de queimadas.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CpVYTXdJltx/>, acessado em 20/05/2023

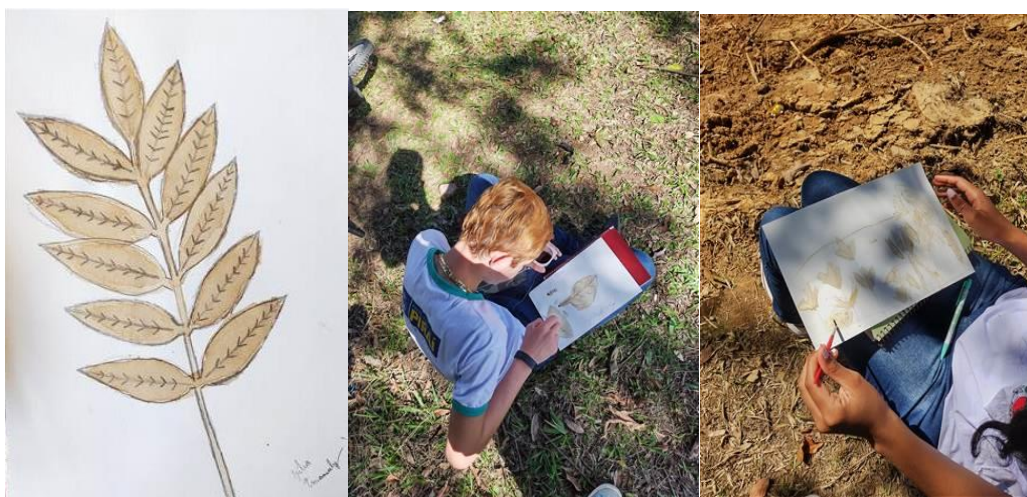
Fonte: <https://www.instagram.com/p/CpVYTXdJltx/>, acessado em 20/05/2023

Figura 13 - Folhas em café. Um momento de deslumbramento e averiguação de um espaço de passagem, um lugar com pouca intenção em sua configuração. A pintura em café traz outros contornos do lugar, em sentido mais amplo e histórico, ao mesmo tempo que ativa memórias.

Pintura de um dos alunos

Figura 14 - Pintura entre sol e sombra 1. Estudante pintando.

Figura 15 - Pintura entre sol e sombra 2. Estudante pintando.



Fonte própria – acervo da autora, 2023

Fonte própria – acervo da autora, 2023

Fonte própria – acervo da autora, 2023

A proposição do dia envolvia o uso de café como tinta, afinal o pigmento remete a toda a história de devastação e escravização que determinou em larga medida a região do Vale do Café. A pintura a ser feita em sobre papel deveria simplesmente ser o encontro com algum dos muitos seres que nos rodeavam e que ainda não haviam sido observados atentamente.

Estar fora da escola, ainda que imediatamente em frente a ela, um local presumivelmente muito bem conhecido, traz certa leveza ao grupo e de certa forma aguça os sentidos para descobertas.

Para os que não moram nas imediações, a praça é apenas vista de dentro do ônibus escolar. A experiência de permanecer, contemplar, observar e interagir com um local de passagem foi nova para a maioria deles. Houve uma primeira observação, escolha de lugares e diversas observações sobre as formas que estavam sendo experimentadas, e a técnica em especial, lhes pareceu muito inusitada. Durante esta breve ocupação, um dos colegas de outro ano, que não teve aula no dia, apareceu na praça em sua bicicleta e decidiu se juntar a nós na atividade (assim como uma das alunas decidiu usar a bicicleta rapidamente enquanto ele não a estava usando).

4.4 Semear o espaço

Nos preparando para a última etapa de nosso trajeto, observamos trabalhos artísticos que trazem as questões ambientais e territoriais sob outra perspectiva. Algumas obras de Denilson Baniwa e Gustavo Caboco foram utilizadas para ampliar as reflexões acerca do pertencimento ao território e outras possibilidades de vida.

Iniciamos a conversa em sala, retomando o tema da intervenção artística, já trabalhado durante o ano letivo, com o exemplo do trabalho “RJ TERRA INDÍGENA” de Denilson Baniwa. Pudemos repensar os usos do outdoor enquanto mídia, as ideias que podem ali ser veiculadas, e, principalmente, o local da ação/intervenção artística em si.

Além do fato do pertencimento indígena não poder ser historicamente pensado como delimitado apenas pelas T.I., foi importante para nossa reflexão ressaltar a interconexão entre biomas. Não apenas o estado (e país) em que estamos é por direito Terra Indígena, mas o próprio modo de vida tradicional dos povos nativos protege nossa existência, mesmo nas cidades e a distância.

Figura 16 - RJ TERRA INDÍGENA.
Intervenção urbana via outdoor, Denilson Baniwa.

Figura 17 - RETORNO À TERRA. Intervenção urbana via Lambe-lambe, Gustavo Caboco



Fonte: <https://dasartes.com.br/agenda/no-calor-da-hora-projeto-m-a-p-a/>, acessado em 20/05/2023

Fonte: <https://www.artequacontece.com.br/museu-das-culturas-indigenas-abre-com-obras-de-xadalu-tupa/>, acessado em 20/05/2023

Para a atividade prática foram apresentadas mais duas referências. Faríamos desenhos para um lambe-lambe (que seriam instalados em local ainda a ser definido). Observamos as intervenções de Caboco e Denilson Baniwa e foi possível identificar a chamada ao reconhecimento do território do país enquanto território indígena, em especial pela simbiose e identificação com seres não humanos - a bananeira, a onça - enquanto símbolos da interdependência que está presente na consciência dessa retomada.

Nas instruções para a feitura dos desenhos iniciais, foi apenas indicado que, a partir do contato com essas obras, se fizessem comentários - visuais ou também escritos - sobre o lugar em que viviam, fossem essas percepções positivas ou não. Foram feitos desenhos de animais silvestres, flores, plantas (tucano, macaco-estrela, araras, rola, coruja), domésticos (gato), árvores.

Alguns inseriram definições de natureza, reflexões sobre a importância não só da existência e sobrevivência (“A destruição afeta a vida de todos”) dos seres não humanos, mas também de sua beleza (“Cada flor com seu jeito de ser e todas convivendo em harmonia na natureza. Temos muito mesmo a aprender”). Desejos de estar em uma cidade movimentada aparecem, ligados à ideia de estilo de vida e também imagens que não dividem em polo humano e natural, com uma imagem da rodovia vazia, com todas as suas placas e pessoas pescando no açude.

Um dos estudantes fez duas versões de lambe, que contam bastante das ideias em circulação naqueles dias. O tucano com grafismos, cuidadosamente elaborado e as casas que brotam dentro de uma planta, podem nos mostrar os esforços e as vivências de estar junto às outras formas de vida e enxergá-las como parte de nós também - “A presença dos outros seres não apenas se soma a paisagem do lugar que habito, como modifica o mundo” (KRENAK, 2022, p. 103) A instalação dos lambes ocorreu após a visita ao Monumento Rodoviário, em frente à própria janela da sala do 9º ano, envolvendo poucos dos estudantes, que em sua maioria já iniciaram por si mesmos o movimento de recesso escolar.

Figura 18 - Tucano, lambe-lambe.

Figura 19 - Casa Planta, lambe-lambe. Formas de vida em traços, sendo desgastadas pelo tempo e pertencendo à visão diária dos alunos. O lambe foi instalado no muro que separa o externo e interno da escola - atrás dele está contida “natureza”, que se faz atravessar o muro, através desses papéis.



4.5 Entranhas, amplitudes, desvio

Figura 20 - Monumento Rodoviário Belvedere/Farol da Serra



Fonte: <https://youtu.be/nRrx4jXvLoA>, acessado em 13/01/2024

O Monumento Rodoviário da Via Dutra celebra a vitória da expansão das estradas para conexão das várias partes do país e todo o “progresso” que vem com ele, foi fundado em 1936 após anos de construção. Uma imensa torre no estilo Art Déco em meio às muitas curvas da estrada, sentido Rio, recebia os passantes em um restaurante, que funcionou até 1978. Hoje, está praticamente abandonado, a não ser pelo quiosque vizinho em sua base, um dos muitos da Serra. Ainda assim é frequentemente visitado por turistas mais aventureiros e por inúmeros pixadores, que já deixaram suas marcas na maior parte de sua superfície externa, em tamanho impressionante. No centro do antigo restaurante se encontravam quatro painéis de Cândido Portinari, homenageando os trabalhadores da construção e os infundáveis morros, praticamente desérticos e inabitados que os rodeavam. As pinturas, intituladas “Construção de Rodovia I, II, III e IV”: Uma grande veneração aos motores, máquinas e técnica em forma de ponto turístico e pintura.

Figura 21 - Baixo Relevo, Carro de Boi, Alfred Freyhoffer, 1936



Fonte própria, acervo da autora, 2023.

No início deste projeto, havia sido uma direção importante referenciar os trabalhos de Portinari nos trabalhos com os alunos, não apenas pela importância histórica do artista, mas pela possibilidade de autorrepresentação que se abriria. Também foi pensada como alternativa

de investigação os painéis que estão lá até hoje, uma sequência de baixo relevo de Albert Freyhoffer, escultor francês radicado no Brasil no século XX. Neles podemos ver ainda mais a marca do avanço técnico: a sequência de imagens nos mostra a “evolução” do transporte. Em uma das imagens, povos nativos - simplesmente andando em grupo por uma floresta, uma mulher da nobreza sendo carregada em uma liteira por homens escravizados, carros de boi, viajantes e bandeirantes à cavalo, a construção da estrada com homens e um imenso rolo compressor, e, por fim, um casal em um gigantesco automóvel, em velocidade, logo abaixo de um avião.

Entre a possibilidade de frotagens nos painéis, coletas de plantas que escondem o concreto e a própria intervenção com os lambes, foram buscadas outras estratégias considerando o tempo disponível e a opção de não deixar marcas no local. A alternativa se originou de outra obra de Denilson Baniwa na intervenção Brasil Terra Índigena (2020, videomapping). Nela o artista projeta em laser grafismos e imagens dos seres da floresta presentes em outros de seus trabalhos, no emblemático Monumento às Bandeiras (1953) escultura pública gigantesca, idealizada pelo modernista Victor Brecheret, de modo a sobrepor novos sentidos e confrontar a ideia central de dominação presente no monumento. De modo semelhante, poderíamos ter as ideias e expressões visuais de quem de fato habita a Serra, em seu mais famoso ponto. Para executar essa ação, a técnica foi adaptada da experiência de “Bazuca Poética”, o projetor de poemas feito pelo Coletivo Transverso.

No dia da visita, o aluno que reside na casa mais próxima ao monumento comentou que nunca havia estado lá, assim como a maior parte de nós (a turma, eu e mais dois funcionários da escola que também não são residentes do bairro).

As descobertas eram feitas a todo instante, por todos os envolvidos: mesmo os estudantes que já haviam visitado o Monumento não se recordavam tão bem de como era. Desde o início, muitos registros foram feitos - entre selfies posadas, fotos tiradas de surpresa ou imagens do horizonte pleno de montanhas. O Monumento é composto por uma longa rampa de acesso, um grande pátio e escadas que levam à um espaço central, o antigo restaurante. Após a primeira identificação dos espaços cobertos por plantas e pequenos arbustos e dos painéis de Alfred Freyhoffer, nos encontramos no salão - todas as paredes tinham poeira, alguns nichos tinham restos de oferendas e sempre havia alguma tag (assinaturas de nomes ou apelidos no estilo de pichação ou grafite) à vista.

Figura 22 - Conversa no antigo restaurante



Fonte própria: acervo da autora, 2023.

Figura 23 – Entranhas. Vista desde a subida do monumento



Fonte: a autora, 2023.

Comentamos brevemente sobre a história e motivações da construção do edifício, reunidos no interior da torre. Foi demonstrada a técnica a ser usada em nossa prática, e que as escritas ou desenhos a serem projetados deveriam buscar diálogo entre os pensamentos, sentimentos e considerações em geral dos alunos sobre o local e suas vivências.

Ao fim deste momento de organização, no entanto, sentimos a necessidade de conhecer um pouco melhor o espaço interno, e em alguns minutos voltaríamos para realizar nossa ação. A vontade de descobrir todos os pontos daquele local, com todos os tipos de rastros possíveis, foi maior que o cronograma previsto. Alunas encontraram cozinha, um estoque subterrâneo, uma sala com alguns morcegos e subimos a um mezanino onde nos deparamos com o início da escada, que nos levaria até o topo da torre. Havia certo receio que os alunos realizassem a extensa subida, por não se saber ao certo o estado da escada, mas quando percebemos que um dos funcionários já estava no topo da torre, não havia porque não irmos. Precisávamos ter toda a experiência que o monumento pudesse nos proporcionar. Muitos sentiram medo durante a subida, dois alunos já sabiam dos seus limites com relação a alturas e continuaram a exploração no pátio de entrada. Afinal, no topo, a paisagem com alagamentos, desgastes e vários trechos de floresta se perdendo no horizonte simplesmente deslumbrou a todos. E, após a subida, percebemos que já era a hora de descer e partir rumo à escola. Este último ponto do percurso leva os alunos a produzir as imagens de forma similar aos turistas que foram por eles criticados no início - com todo o encanto e maravilhamento de quem encontra algo novo e surpreendente, de onde não se esperava. Ainda que nossa intervenção não tenha ocorrido, o interesse dos estudantes era notável e nitidamente estavam tendo um (re)encontro com seu território com um novo olhar e tendo acesso a um patrimônio que fala muito da história local. O que foi previsto não pôde acontecer em sua totalidade, afinal era necessário antes estar lá por completo. Nas palavras de Bondía “[...] posto que não se pode antecipar o resultado, a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem “pré-ver” nem “pré-dizer”. (BONDÍA, 2002).

Figura 24 - Coletivo do Percurso



Fonte própria: acervo da autora, 2023.

A revisão sobre este momento com todos da turma apenas pôde acontecer muito depois. Nas respostas de uma das avaliações realizadas ao fim do ano letivo, vários alunos apontaram a visita ao Monumento como um dos melhores momentos do ano, outros a própria visita à praça, foram descritos por um dos alunos como “momentos de liberdade e reflexão.”

Posteriormente tivemos ainda a grata participação de uma das funcionárias da escola, que produz diversos tipos de tecelagem com uso da fibra de bananeira. Ela mostrou sua produção, que está presente no centro de artesanato do município e demonstrou o processo de extração da fibra em si e de alguns de seus trabalhos.

Figura 25 - Presenciando o processo



Fonte própria: acervo da autora.

5 Conclusões

A partir deste percurso foi possível levar os estudantes a refletir sobre o território que constituem e experimentar outras formas de entendê-lo e estar nele. Experimentamos práticas e estabelecemos conexões com outros modos de compreender o mundo e habitá-lo. Reavivamos memórias afetivas e buscamos conexões que, espero, tenham agregado sentido à vida cotidiana dos estudantes, não apenas em sala, ainda mais considerando ter sido este seu último ano na escola.

Algumas das ações demandariam maior tempo para execução ou mesmo outros métodos, e não puderam acontecer por outras necessidades do currículo seguido na rede. Também teria sido de grande valia estabelecer parcerias com professores de outras disciplinas, em especial Geografia, o que também não foi possível.

Aproximando-se do fim do ano letivo, mudanças no território já se alastraram: a duplicação de uma das pistas da rodovia, após anos de planejamento, iria acontecer, e diversas famílias da descida da Serra já eram removidas. Vários alunos identificaram esse acontecimento como a ausência de democracia, de acordo com o que estavam estudando em História. A administradora serve interesses que não tem absolutamente relação com quem está lá, todo dia. Importante, nos destinos do dinheiro são os caminhos entre os portos e locais de produção, são as rodovias, que tão evoluídas interligam o país. Ainda assim, as vidas que constituem o território seguem interligadas e ativas, buscando outras formas de existir, para além das definições usuais.

Figura 26 - Pincel de estudante. Acrílica sobre tela, trabalho da autora. Na pintura, vemos um pequeno buquê presenteado a mim por uma aluna dos anos iniciais, da escola do presente estudo. as flores são muito comuns nos gramados perto da escola. Uma delas (de um quase vermelho vibrante) chama-se popularmente pincel de estudante.



Fonte: acervo da autora, 2023.

Enquanto propositora na função tripla de pesquisadora, professora e artista, considerando a preocupação e adaptação constantes a respeito dos contextos desconhecidos, apresentados ou trazidos à tona pelos próprios alunos – flagrantes nos processos de ensino-aprendizagem no cotidiano escolar –, pode-se considerar que as experiências aqui

compartilhadas foram proveitosas, repletas de trocas em muitos aspectos. Assim, revisitando os caminhos trilhados por meio desta escrita, importante registrar que foi interessante e transformador a possibilidade de olhar para o banal que tanto incomoda, entender melhor a visão dos estudantes, ver e conhecer novas histórias sobre o local, e nesta confluência de saberes, sair do ritmo regular de entrada e saída da sala de aula. Em suma, poder se deparar com coisas novas e ao mesmo tempo instigantes, com descobertas sendo revelado a cada passo dado pelos educandos. Neste movimento, a possibilidade de expandir também o arco da minha própria compreensão: das muitas possibilidades de criação até, dentro de uma perspectiva a/r/tográfica, assimilar todo o território explorado em si. Neste sentido, abrindo-se a oportunidades de se formular questões, experimentar e refletir, sem se distanciar do ato criador, envolvendo o fazer artístico em todo o processo, é sempre precioso para a nossa área de conhecimento. Certamente os alunos saem desta formação em Artes Visuais enriquecidos com novas lembranças, assim como a professora deles, afinal, vivenciamos diversas situações juntos pela primeira vez. Minha intenção era sobretudo dividir minha visão, produção e interrogação de ‘estrangeira’ perante o território investigado, ainda que esteja presente por lá com muita frequência. Foi especialmente animador e gratificante vê-los se encantar, criar, refletir e ter isso tudo em mim. Neste entrelaçamento de visões, interações e trocas, ressignificamos de muitas maneiras nossos olhares, vivificando nossa relação entre arte e natureza.

REFERÊNCIAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, Jan/Fev/Mar/Abr, N° 19, pp: 21-28, 2002.

DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (org). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. 2. ed. Santa Maria: Ed. UFSM, 2023.

CAUQUELIN, Anne. **A Invenção da Paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

JONES, Fred O. **Landslides of Rio de Janeiro and the Serra das Araras escarpment, Brazil**. Washington, DC: Government Printing Office, 1973. Disponível em: <https://pubs.usgs.gov/publication/pp697>. Acesso em: 4 de fevereiro de 2024.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LATOURE, Bruno. **Onde estou? Lições do confinamento para uso dos terrestres**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

LATOURE, Bruno. **Jamais fomos modernos: Ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LATOURE, Bruno. **Diante de Gaia – oito conferências sobre a natureza no Antropoceno**. São Paulo/ Rio de Janeiro: Ubu Editora, 2020.

LUCHIARI, M. T. D. P. A (re)significação da paisagem no período contemporâneo. In: CORREA R. L. e ROSENDAHL, Z. (Orgs.) **Paisagem, Imaginário e espaço**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2001. p. 9-28.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 22^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SOUSA, Jaison Couto de. **Artefatos e “cArtografias”: O Ensino da Arte e a Resignificação do Ambiente**. 2019. Dissertação. (Mestrado em Artes Visuais) - Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

TUAN, Y. F. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina:Eduel, 1980.